

"Deos não nos creou para vivermos eternamente neste valle de miserias": rituais funerários e a unção dos enfermos nos aldeamentos Kiriri (1698-1702)

Ane Mecnas¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v10i29.37576>

Resumo: Este artigo tem como objetivo principal compreender o discurso de capuchinhos e jesuítas no sertão da América portuguesa, entre 1698 e 1702, sobre os rituais funerários dos Kiriri. Por meio das descrições, a morte e as práticas dos fúnebres dos Kiriri são evidenciadas nos escritos produzidos para a conversão. O corpus documental analisado se constitui por meio de dois catecismos, elaborados com o objetivo de auxiliar os missionários na conversão dos índios: um de autoria do padre jesuíta Luigui Mamiani e o outro do capuchinho Bernardo de Nantes.

Palavras-chave: Morte, Kiriri, jesuítas, capuchinhos

"God did not create us to live forever in this valley of miseries": funerary rituals and the anointing of the sick in the villages Kiriri (1698-1702)

Abstract: This article has as main objective to understand the speech of Capuchinhos and Jesuits in the sertão of Portuguese America, between 1698 and 1702, on the funerary rituals of the Kiriri. Through the descriptions, the death and practices of the Kiriri funerals are evidenced in the writings produced for conversion. The documentary corpus analyzed consists of two catechisms, designed to assist the missionaries in the conversion of the Indians: one by the Jesuit priest Luigi Mamiani and the other by the Capuchin Bernardo de Nantes.

Key-words: Death, Kiriri, Jesuits, Capuchins

"Dios no nos creó para vivir eternamente en este valle de miserias": rituales funerarios y la unción de los enfermos en los pueblos de Kiriri (1698-1702)

Resumen: Este artículo tiene los principales objetivos para comprender el discurso de Capuchinos y Jesuits en el sertão de América del Norte, entre 1698 y 1702, sobre los

¹ Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (2011). Especialista em Ciências da Religião e possui graduação em História Bacharelado (2010) e em História Licenciatura (2005) pela Universidade Federal de Sergipe (2005). Tem experiência na área de História, com ênfase em Ensino de História, Patrimônio Cultural e História Indígena.. E-mail: anemecnas@gmail.com

funerales rituales del Kiriri. A través de las descripciones, la muerte y las prácticas de los funerales de Kiriri se evidencian en las escrituras producidas para la conversión. El documental corpus analizado de dos catequismos, diseñado para asistir a los misioneros en la conversión de los indios: uno por el Jesuit sacerdote Luigi Mamiani y el otro por el Capuchin Bernardo de Nantes.

Palabras clave: Death, Kiriri, Jesuits, Capuchinos

Recebido em 11/06/2017 - Aprovado em 19/06/2017

Ao longo do processo de colonização, muitos desempenharam a função de homens-memória, ao registrar os feitos, ao narrar as conquistas e ao descrever as paisagens (RAMINELI, 2008, p. 32). Distantes do mundo europeu, as penas utilizadas para descrever traziam impregnadas o olhar do estrangeiro sobre a América, e, por isso, registraram o estranhamento e a admiração. Nesses registros, cada linha escrita traz consigo as marcas os mundos do narrador (CHARTIER, 1994, p. 13). E devem ser analisados de acordo com a finalidade ao qual foram produzidos.

Muitos homens podem ser considerados “homens-memória”, como definiu Hartog, em virtude dos registros elaborados com base no que os autores viram, contaram sobre o desconhecido e em diversos suportes documentais (HARTOG, 2004). Para o historiador francês, Ulisses seria, para além do viajante na constante busca pelo retorno, um homem-memória. E dessa forma é possível traçar um perfil do narrador viajante, aquele indivíduo que, ao viajar, desenvolveu a habilidade do olhar.

E não apenas para dar conta do mundo burocrático da corte dos grandes impérios, mas também nos bastidores da expansão da fé cristã e da Igreja interessada em elaborar instrumentos de conversão dos gentios que viviam na América.² Foi desse esforço que resultou o significativo número de catecismos e de gramáticas, produzidos por membros das mais diversas ordens religiosas, empenhados em melhor conhecer o espaço em que atuavam e a língua dos grupos nativos que se propunham a converter.

Esses instrumentos linguísticos e voltados para conversão, além de refletirem os interesses das ordens religiosas envolvidas na produção, também produzem relatos acerca dos grupos indígenas aos quais eram voltadas tais obras. Dessa forma, nesse artigo analisaremos as práticas indígenas voltadas para as questões da morte, por meio do cotejo de dois catecismos Kiriri.

²Dos quais podemos destacar: *Arte da Grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil*, do padre Jose de Anchieta, 1595; *Arte da Grammatica da lingua brasílica*, do padre Luiz Figueira, 1687; *Diccionario da lingua geral do Brazil*, sem data definida; *Caderno de vocábulos da lingua geral, muito necessário para com brevidade se aprender, feyto no anno de MDCCL*; *Diccionario dos vocábulos mais usuaes para a intelligência da dita language*; *Diccionario da Lingua geral do Brasil que se falla em todas as Villa, lugares e aldeias deste Vastissimo Estado. Escrito na Cidade do Pará. Anno de 1771*; *Diccionarioportuguez, e brasiliano, obra necessária aos ministros do altar (...)*, 1795.

Os catecismos são fruto de um longo trabalho de sistematização de duas línguas Kiriri: o Kipeiá e Dzubukuá. Ao longo da segunda metade do século XVII, após a expulsão holandesa a ocupação dos “caminhos de dentro” do Rio São Francisco foi intensificada. Essa região consistia uma rota utilizada por criadores de gado que ligava a sede administrativa, em Salvador até o Piauí. Por esse caminho criaram pontos de parada, para descanso, muitos desses estavam localizados nas sedes de fazendas, estabelecidas no local, por conta da doação de sesmarias, como também utilizavam aldeias indígenas como ponto de parada.

Ao passo que forma se intensificando conflitos na região, ordens religiosas foram enviadas com a finalidade de converter os índios e promover a comunicação com os sesmeiros locais. Contudo, ao longo de um século, com base na documentação consultada é possível observar a continuidade dos embates e as constantes negociações. Em meio a esse cenário, os instrumentos linguísticos foram produzidos, Primeiro, alguns manuscritos das artes de língua elaborados pelo jesuíta João de Barros e pelo capuchinho Martinho de Nantes. Não foi possível encontrar esses escritos, apenas as referências as quais apontam a existência.

Após alguns anos junto aos aldeamentos Kiriri, duas obras ganharam a impressão, a Arte de Língua Kiriri (1699) e o Catecismo em língua Kiriri (1698), ambos de autoria do padre Mamiani. Outro catecismo também foi impresso poucos anos depois, pelo capuchino Bernardo de Nantes. Esses dois catecismos bilíngues, apresentam as normativas religiosas, os caminhos adotados pelo índios convertidos para cumprir com os preceitos cristãos. Contudo, além da estrutura estabelecida e normas instituídas para publicação, os dois impressos apresentam também um registro dos hábitos e costumes dos Kiriri. Dessa forma, para esse texto escolhemos analisar as representações da morte para esse nação indígena pelo filtro dos religiosos responsáveis pela elaboração dos catecismos.

1-Particularidades das fontes

O significativo número de publicações, envolvendo a normalização das línguas indígenas para o modelo latino, aponta para a diversidade de povos e, conseqüentemente, de costumes, conforme aponta Daher:

as operações de dicionarização e de gramaticalização das línguas indígenas não são apenas fundamentos de estratégias catequéticas, são elas mesmas determinadas teologicamente, ratificação evidente do princípio unitário da verdade divina profunda frente à multiplicidade superficial das línguas humanas, desde a dispersão da língua adâmica no mundo (DAHER, 2012, p. 46).

Para a catequese, era imprescindível a comunicação e o primeiro passo era conhecer a língua, para, posteriormente, normatizá-la, e, assim, assegurar o êxito do projeto missionário. Esse processo de conhecimento e de sistematização da língua se deu

através da mediação cultural, que tornou possível o acesso ao seu cotidiano e ao seu universo simbólico. Para Cristina Pompa:

A atividade missionária, vista não apenas como prática constitui um ponto de partida privilegiado para a elaboração de um método histórico-crítico que pode enriquecer a leitura antropológica do religioso a partir da situação oposta e especular: a leitura religiosa da cultura (POMPA, 2006, p. 112).

Durante um século, várias foram as tentativas de compreender as tradições do mundo indígena e muitas foram as formas através das quais foram registradas e eternizadas no papel. As diferentes adjetivações que elas mereceram, é preciso lembrar, não devem ser tomadas como erros interpretativos ou construções equivocadas, mas, como apontado por Certeau, como registros que levaram em conta um determinado “espelho” (CERTEAU, 2006, p. 220). Torna-se, portanto, fundamental considerar os sujeitos que elaboraram estes registros, o seu lugar social e institucional e, ainda, as intenções da escrita da obra, para, dessa forma, podermos recompor os fragmentos do “espelho” adotado no registro. Afinal, conhecer o detentor da produção possibilita pensar as possibilidades de interpretação. Faz-se, por isso, necessário reconstruir o “mundo do texto” para podermos compreender as intencionalidades presentes na escrita e, ainda, a quem se destinavam tais obras. No caso dos textos voltados para a comunicação e da conversão do gentio, pode-se dizer que são, como já observamos, fruto da necessidade do conhecimento da língua local, elemento imprescindível para o êxito da catequese (BARROS, 2003, p. 125).

A morte para Mamiani é apresentada como resultante das ações desses índios na terra. A conduta cristã seria o único caminho possível para “fugir” do inferno. Do qual, em virtude do pecado original já havia uma predisposição natural para que esse fosse o lugar da morada das almas desses índios:

Filhos tudo que está creado na terra he para vós: somente desta fruita não haveis de comer (mostrando-lhes hua arvore de fruta) assim vos mando, para que não morais. Se vós fizéreis assim como vos mando, vivereis ambos muitos anos neste mundo, para depois hirdes ambos ao Ceo, assim vós como vossos filhos, e netos, e todos os vossos descendentes. Se não fizéreis assim todos morreréis com os vossos filhos, e todos hireis ao inferno. (MAMIANI, 1698, p. 50)

Como a alma não morre, apenas o corpo essa matéria efêmera se decompõe e morre, segundo o jesuíta. E diante das ações praticadas em vida é determinado o lugar em qual a alma irá habitar (MAMINAI, 1698, p. 68-69). Os lugares para a morada da alma

consistiam em cinco, o céu, o inferno, o purgatório, o limbo dos meninos, e o limbo dos santos padres. (MAMIANI, 1698, p. 52). Para onde vão os que morrem

O corpo fica enterrado na sepultura: a alma dos bons vai, ou para o Ceo, ou para o Purgatório, se não satisfez inteiramente pelos seus peccados: e a almados pecadores vai para o inferno, esperando pela vinda de Jesus Cristo à terra. (MAMIANI, 1698, p. 70)

As descrições do inferno se apresentam associadas ao fogo. E ser enviado para lá é um castigo eterno, no qual o individuo arderia por toda a eternidade. Não havia uma forma de remissão dos pecados quando o sujeito, ao morrer não houvesse se batizado e nem se arrependido de suas ações, as quais estavam associadas às práticas de feitiçaria e todas as práticas dos “velhos anciãos” das comunidades. Somente abandonando os costumes e as crenças seria possível a absorção dos pecados.

Meu filho não he bem que sigais os costumes dos vossos avós, porque se os seguides não podereis hir para o Ceo a gozar de Deos; somente o fogo do inferno será a vossa morada para sempre. Por tanto entendei bem o que vos digo, & crede o que vos ensino, para que sejais filho de Deos. Se assim fizerdes, hireis para o Ceo a gozar a bemaventurança. (MAMIANI, 1698, p. 156-157)

Para Bluteau, o inferno consiste num lugar no qual a “divina justiça” castiga aos “demônios” e aos que morreram em pecado mortal. A localização é apresentada como sendo no meio do globo terrestre, “o centro deste Universo”, no lugar mais ínfimo do mundo. E para corroborar com a descrição do espaço em que se encontra o inferno o autor justifica com uma analogia ao corpo humano:

assim como no corpo humano lança a natureza as corrupções, & partes excrementicias para os intestinos, & lugares mais baixos, & escuros; assim no dia do juízo os condenados, como immundicias & fezes do mundo, serão lançados para o lugar mais ínfimo; & (segundo a doutrina dos Padres) justo he, que os que com pecado, se apartarão de Deos, quanto pode ser, tenham por cárcere o lugar mais apartado do Ceo, & por tormentos, globos de fogo, que tenham por centro, o último desterro da natureza & por circunferência a Eternidade. (BLUTEAU, 1728c, p. 124)

Em seu dicionário Bluteau determina com base na obra Cosmografia de Sebastino Munster, a distância ente a superfície e o inferno. Estabelecida como oitocentas e

cinquenta e nove milhas germânicas, na quais cada milha germânica consiste quatro mil passos geométricos.

Nantes apresenta em seu catecismo as justificativas para que o fiel fosse condenado a habitar o inferno por toda a eternidade. De acordo com o capuchinho os pecados mortais são responsáveis pela morte da alma e por isso, estabelece-se o caminho rumo ao inferno, como ocorreu com os anjos que se tornaram diabos (NANTES, 1709, p. 67). A cura por assopro pratica pelos “feiticeiros” é também apontada como pecado mortal, e nesse caso tanto curar como recorrer a tal prática, como também “dar em seu pay ou sua may”, “desejar interiormente com advertência uma mulher”, “embebedarse com vinho” (NANTES, 1709, p. 68), como também não confessar. Esse silenciamento diante do pároco, faz com que o fiel cometa sacrilégio, e como consequência se torna impossibilitado de comungar, porque “o diabo lhes fecha assim a boca, para que não sayão por ella os pecados (NANTES, 1709, P. 80).

A outra morada, o purgatório apesar da proximidade com o inferno, consistia um lugar no qual a salvação ainda seria possível. Contudo, era necessário uma vida regrada na terra e ter uma alma virtuosa. O purgatório “he hum fogo grande por cima do inferno aonde estão as almas virtuosas dos que morrerão em graça de Deos, para satisfazer por seus pecados, pois não satisfizerão inteiramente neste mundo” (MAMIANI, 1698, p.53-54)

O limbo é a morada habitada pela almas que morreram na inocência cristã é o caso dos meninos sem batismo e dos padres que morreram antes da Paixão de Cristo. A ausência dos preceitos de Cristo se apresentam dessa forma como um lugar habitado pela escuridão, não há o fogo do inferno nem as chamas do purgatório, apesar a escuridão como o estado no qual a “luz divina” não se apresentou. Observe que os adultos que morrem sem o batismo, não se enquadram nas regras para ocuparem o limbo, já que para esses foi por opção morrer sem o batismo. O limbo dos meninos consistia numa caverna acima do purgatório (MAMIANI, 1698, p. 54).

A alegoria da caverna serve para repensar essa iluminação fruto dos que conseguiram por meio do conhecimento transcender o pecado. As boas práticas e o conhecimento dos preceitos cristãos permite encontrar a luz e dessa forma sair da caverna.

Para os padres que existiram antes da vinda de Cristo e dessa forma morreram sem os conhecimentos do Novo Testamento é possível alcançar a salvação, visto que foram enviando para o Limbo dos padres, o qual pode é descritos como sendo “(...) hua caverna por riba do Limbo dos meninos, em que estavam antigamente as almas dos Santos padres, antes que Jesus Christo morresse, esperando ahi pela sua santa vinda, para q os livrasse della” (MAMIANI, 1698, p. 54-55). De acordo com Nantes, quando Cristo morreu desceu ao limbo dos padres para os salvar (NANTES, 1709, P. 32).

Cristo é apresentado como marco, em decorrência do que aconteceu aos cristãos após sua morte. Por meio da Paixão de Cristo e do sofrimento do Calvário que nos livrou do demônio, do qual Mamiani destaca o sofrimento e a dor. E também a cruz como esse símbolo do martírio e da salvação. Isso O torna o juiz dos vivos e dos Mortos.

“Os bons hirão ao Ceo em corpo, & alma para gozarem ambos em cõpanhia de Deos em bemaventurança por toda a eternidade. Os mãos hirão ao inferno em corpo, & alma, para padecerem hum, & outro tormentos em companhia do diabo” (MAMIANI, 1698, p. 160).

E apresenta que Cristo retornará para a terra quando a mesma for queimada. E nada sobrar, retornará para julgar os vivos e mortos. Os vivos são os justos na graça de Deus, os detentores da vida eterna. Os mortos “os ímpios que falecerão em pecado mortal, que he a morte da alma para com Deus” (MAMIANI, 1698, p. 65-66). Em seu retorno, no momento do julgamento Cristo dirá aos que se acham em pecado:

Dirá: Apartai-vos de mim todos para o fogo eterno, que está aparelhado por Deos ha muito tempo para castigo das maldades, assim do diabo, como dos seus sequazes. Então se abrirá a terra para será lançados no inferno. (MAMIANI, 1698, p. 68)

Fugir do diabo e buscar a salvação ou um segundo julgamento no purgatório, fazia-se necessário seguir o caminho indicado pelos padres nas aldeias, o qual consistia no batismo, na remissão dos pecados e numa vida afastada das velhas práticas. Isso poderia ser possível até o último sopro de vida, da qual a extrema unção tornava possível apagar uma vida pecaminosa em um caminho afastado do diabo e do fogo do eterno do inferno.

2.A extrema unção

A assistência na hora da morte era algo de suma importância da prática do religioso. Com base nos catecismos havia a necessidade de administrar o Sacramento da extrema unção com muita atenção e cuidado afim de evitar que o fiel venha a falecer sem a remissão total do pecado. Esse sacramento visava fortalecer a alma nas anciãs da morte contra o demônio. Deveria ungir com o santos óleo os olhos, os ouvidos, o nariz, a boca, as mãos e os pés e os “lombos” para que Deus perdoe os pecados” (MAMIANI, 1698, p. 135). Nantes além de citar os locais nos quais o sacerdote deveria ungir o “corpo do moribundo”, enfatiza que tal prática dever ser seguida para que possam ser “riscados os pecados” que foram cometidos pelos olhos, pelos ouvidos, pelos narizes, “beijos”, mãos pés e lombos” (NANTES, 1709, p. 86- 87). E assim deveriam evitar práticas como:

Não tomeis amizade com os mãos: fugi dos que são torpes, & deshonestos: fechai os ouvidos às palavras, & cantias deshonestas, & aos ditos superficiosos dos Pagãos: os que são modestos, prudentes, & tementes a deus, sejam vossos amigos. (NANTES, 1709, p. 113).

Na terceira parte o jesuíta se dedica a explicar ao pároco como desse administrar os Sacramento e quando está a assistir alguém na hora da morte. Filho de Deus deve crer, espera e amar. Devem guardar os mandamentos, receber o batismo. Para isso o jesuíta apresenta um conjunto de questões pelas quais o índio deverá responder. As perguntas estão relacionadas a crença na Santíssima Trindade, na remissão dos pecados por Cristo durante crucificação, na imortalidade da alma, na salvação pela misericórdia de Deus e no amor incondicional ao Criador. (MAMIANI, 1698, p. 159-161).

Se quereis he necessário receber o santo Bautismo. Só deste modo, podeis ser filho de Deos, & salvavos. A alma dos que não são bautizados, fica çuja por causa dos próprios peccados; por isso não pode ser filha de Deos, nem entrar no Ceo. Sómente com a agua do Bautismo, para que sejais filho de deos, & entreis no Ceo. (MAMIANI, 1698, p. 163)

O elemento purificador da água é destacado como por meio dele e da consciência dos pecados, do reconhecimento dos ensinamentos cristãos como indispensável para tornar o fiel um filho de Deus. E só por meio desse caminho se torna possível adentrar ao céu.

Entretanto, a instrução correta do batismo deve ser levada em conta. Por isso, o conhecimento linguístico do padre era indispensável, primeiramente, porque poria fim a necessidade de um interprete, que poderia não transmitir corretamente o que o padre vinha a orientar. Outra coisa, falar a língua local aproxima ainda mais o fiel do padre, como também permite ao religioso administrar melhor os sacramentos. Por isso, Mamiani reitera a preocupação quanto as instruções para o batismo:

Este modo de instruir hum Indio pagão para elle receber o santo Bautismo, pode servir assim para o Indio são, como para o Indio doente, que está em perigo de morte; & qualquer secular, que tiver em casa hum Índio pagão doente, poderá usar da mesma instrução, falta de Sacerdote. Mas porque a experiência tem mostrado que os seculares fazem muitos erros notáveis, quando administram o Bautismo em caso de necessidade neste desertos; bem he que se entendão o que he necessário fazer para administrar diretamente este Sacramento. (MAMIANI, 1698, p. 165)

Em seu texto Mamiani apresenta uma crítica aos seculares que atuavam nos “desertos”, nos locais distantes das sedes administrativas. Ao longo de seu catecismo o jesuíta elenca as normativas que regem e definem o pontos por ele apresentados, são bulas e também a obra do também jesuíta Peña Montenegro, o qual em seu livro o Itinerário dos Padres expõem as questões e os cuidados que os religiosos deveriam ter ao tratar da salvação dos índios. E com base nos preceitos apontados por Peña Montenegro,

Mamiani destaca a forma correta como deveria ser administrado o Sacramento do Batismo:

Primeiramente hade lançar a água sobre a cabeça do adulto, ou criança, que se bautiza, de maneira que a agua escorra algum tanto pelo corpo, & no mesmo tempo que lançar a agua, & não antes, ou depois, dirá as palavras da formula do Baustismo muito bem pronunciadas, tendo tenção actual de fazer o que faz a Santa Madre Igreja. Nem he necessário que lhe de o sal, como muitos fazerm, sem lançar agua, ou sem dizer as palavras, com danno irreparável dos pobres inocentes, que morrem com a sal na boca, & sem água na cabeça, & por isso falecem sem bautismo; de que bom será advertir não somente aos índios, mas também os outros moradores desses Certões (MAMIANI, 1698, p. 165).

Nessa passagem o jesuíta apresenta a preocupação em seguir os pontos fundamentais do Sacramento, os quais consistem nas palavras e na água. Seguir essa diretriz era de suma importância para que o índio pudesse alcançar a salvação e não viesse a morrer em pecado.

Adverti, filho q vos trago o Sacramento da Santa Unção, para vos ungir, elle serve para vos dar força na alma contra as violências da doença; para riscar o resto de vossos pecados; para vos comunicar tal vez com a saúde da alma e do corpo, , se assim a Deos for servido (NANTES, 1702, p. 124).

Por meio da extrema unção seria possível reiterar a saúde do corpo e da alma. Assim expurgar os pecados e salvar o fiel da morte ou promover uma passagem para o Purgatório.

Com tudo, se Deos tiver gosto de vos levar desta vida para a outra, conformai-vos com a sua divina vontade. Deos não nos creou para vivermos eternamente neste vale de misérias: creou-nos para si, & assim deseja muito levar-nos ao Ceo, pra ahi o gozarmos eternamente; por tanto, filho, deveis estar aparelhado, & contente para lhe fazer a vôtade (NANTES, 1702, p. 123).

De acordo com Nantes ao receber o Sacramento da extrema-unção o sujeito haveria curado a alma.

3. Ritos funerários

As cinzas, como se pode observar, eram utilizadas pelos Kiriri como amuleto, constituindo o limite entre o mundo e o *en coletivo*, sendo empregadas para afugentar a morte ou as doenças. Nessa carta, encontramos também uma das possíveis justificativas para as fugas dos Kiriri das aldeias, uma vez que tinham o costume de vivenciar o luto longe dos seus e o mais próximo possível da natureza. Também Bernardo de Nantes descreve as formas de enterramento adotadas por este grupo indígena:³

Antigamente, eles enterravam seus mortos sem outras cerimônias, como faziam com uma carniça qualquer; apenas os colocavam em grandes potes de barro, que eu mesmo encontrei em quantidade, ha pouco tempo, na beira deste rio, quando uma enchente derrubara os barrancos e desenterrara os cadáveres que estavam nos potes. Frequentemente os enterravam antes mesmo da morte, sobretudo quando muito velhos e com pouca esperança de vida, o que me faz pensar que eles sentiam pouco a morte das pessoas idosas, apesar de chorar muito a morte de seus parentes. (NANTES, 2003, p)

Cabe ressaltar que estas passagens, mais do que seu conteúdo etnográfico, nos revelam também as percepções dos missionários sobre as denominadas práticas de “gentilidade”, e que, de acordo com o que estava estabelecido no Concílio de Lima e ratificado no “Itinerario para Parochos de Indios”, eles tinham a obrigação de reportar os casos aos Superiores e castigar os índios por tais práticas.

Los Indios que hazen superticones, y ceremonias, y ritos diabólicos, mayormente para tomar aguero de los negocios que comiençan, y hazen ceremonias en los entierros de sus defuntos, si se hallaren permanecen en los ritos de su Gentilidad. (PEÑA MONTENEGRO 1678, p. 284).

“Enterrar os mortos” e “rogar a Deus pelos vivos, & defuntos”, são obras da Misericórdia, como exposto por Mamiani, sendo que a primeira está relacionada com as obras do corpo, e a segunda, com as obras do espírito (MAMIANI, 1698, p. 17-18). Para o gentio, o jesuíta ensina que, após a morte, o corpo fica enterrado na sepultura, mas a alma, eterna, poderia ir a três lugares, dependendo das ações praticadas em vida. Os bons teriam lugar no céu e viveriam felizes com Deus; Os que não tivessem vivido

³ Nos idos dos anos 2000, no atual município de Tomar do Geru, no estado de Sergipe, durante reforma realizada em uma escola pública no local em que se encontrava a aldeia do Geru no século XVII foram encontradas urnas funerárias, localizadas a uma distância de aproximadamente 500 metros da igreja.

inteiramente segundo a vontade de Deus iriam para o purgatório, localizado logo acima do inferno. Por fim, os pecadores iriam para o inferno, “(...) os mãos hirão ao inferno em corpo, & alma, para padecerem hum, & outra tormentos eternos em companhia do diabo” (MAMIANI, 1698, p. 160). Mamiani ainda reitera que seguir os “costumes dos vossos avós” só iria levá-los ao inferno (MAMIANI, 1698, p. 157).

O jesuíta, no entanto, descreveu quatro moradas para alma no centro da terra: “o inferno, o purgatório, o limbo dos meninos e o limbo dos santos padres” (MAMIANI, 1698, p. 53). O limbo dos meninos era uma caverna escura localizada acima do purgatório, onde ficavam os meninos que haviam morrido sem o batismo, e o limbo dos padres, para onde antigamente iam as almas dos padres, antes da morte de Cristo. Já o inferno era descrito como uma grande fogueira, “hum incêndio de fogo inextinguível aonde ardem deveras” (MAMIANI, 1698, p. 53), para a qual todos os não cristãos eram levados, bem como aqueles que não seguiam as normas determinadas pelos padres. Esses pecadores teriam seu corpo queimado por toda a eternidade:

M. Que dirá JESU Christo aos que achar em peccado?

D. Dirá: Apartivos de mim todos para o fogo eterno, que esta aparelhado por Deos há muito tempo para castigo das maldades, assim do diabo, como dos seus sequazes. Então se abrirá a terra para serem lançados todos no inferno (MAMIANI, 1698, p. 68).

Como podemos observar, o controle e o combate aos “costumes dos avós” se fazia presente na trama do cotidiano das aldeias, se impondo sobre o tempo ordinário e também sobre o tempo sagrado, o tempo das celebrações e dos rituais de sepultamento (MECENAS-SANTOS, 2017, p. 220). Essas antigas práticas eram um obstáculo à conversão, pois se encontravam atreladas aos pecados do mundo. Havia a necessidade de abandonar as práticas tradicionais. Elas, contudo, não eram o único empecilho, no próximo tópico, nos detemos em mais um dos “*inimigos da alma*”.

Segundo o frei Martinho de Nantes, os Kariri acreditavam que as enfermidades eram causadas por feitiços que eram lançados por inimigos ou desafetos e que para combater as doenças era preciso recorrer a contra-feitiçaria. Todavia, nos casos em que o doente não se recuperava:

Atribuíam a culpa a alguém que o houvesse enfeitiçado e que estava impedindo o efeito do remédio, e designavam o culpado, como se tivessem certeza, e logo os parentes do doente, sem qualquer outra prova que a acusação, iam matar o acusado, sem que ninguém comumente se opusesse, com o receio de serem também acusados; de sorte que, se acontecia que morresse alguém muito estimado e que houvesse chamado esses impostores para curá-lo, era raro que não ocorressem outras mortes, antes ou depois de seu

falecimento, o mais das vezes antes, com o desejo de contribuir para a sua cura, pois não acreditavam que estava morrendo naturalmente, mas por força do enfeitiçamento, mesmo quando morria de doença, exceto quando vítima de extrema velhice. (...) Assim ninguém estava seguro de sua vida, podendo ser acusado de enfeitiçador por algum de seus inimigos. E cuidavam de agir depressa, ao matar ou queimar os que eram acusados de enfeitiçadores, para que não fossem suspeitos de serem eles próprios os responsáveis; deixando morrer e matando algumas vezes seus próprios parentes. (NANTES, 1979, p. 5)

A dúvida era uma semente do demônio, um contraponto à fé. Ao atribuir a saúde ou a doença à interferência da ação de terceiros, os índios se distanciavam dos preceitos cristãos, já que o caminho que deveria ser seguido “pelos filhos de Deos” era apenas um, e passava por “crer, esperar e amar a Deus” (MAMIANI, 1698, p. 157). Os índios, no entanto, temiam o poder de destruição das palavras proferidas pelos feiticeiros e recorriam a mecanismos de proteção.

Também Mamiani nos apresenta alguns os procedimentos que os Kiriri adotavam para afastar as doenças e a morte:

Curar doentes com assopro: Curar de palavra, ou com cantigas, **Pintar o doente de genipapo**, para q não seja conhecido do diabo, & o não mate: **Espalhar cinza á roda da casa aonde esta hum defunto, para que o diabo dahi não passe a matar outros: Botar cinza no caminho, quando se leva hum doente, para que o diabo não vá atrás dele:** Esfregar hua creança com porco do mato & lavala com Alóa, para que, quando for grande, seja bom caçador, & bom bebedor: Não sahir de casa de madrugada, nem á noite, para não se topar com a bexiga no caminho: **Fazer vinho, derramalo no chão, & varrer o adro da casa para correr com as bexigas** (MAMIANI, 1698, p. 84).

Tanto nesta carta do Padre Manuel Correia, quanto no *Catecismo* de Mamiani e na *Relação* de Bernardo de Nantes, encontramos inúmeras referências às doenças que assolavam as aldeias dos índios do sertão ao final do século XVII e também às doenças da alma:

Enfim a doença do corpo enche os adros, & a doença da alma os infernos. As bexigas, os catarros, a tísica, a febre, são as doenças q matao os corpos, & os furtos, as mentiras,

as bebedices, & as lascívia, são as doenças que matao as
almas (NANTES, 1709, p. 312).

No *Catecismo* de Nantes, assim como no de Mamiani, encontramos o registro de que os indígenas pintavam-se de jenipapo ou urucu, cantavam o *Sopunbiu* (“he cantar dissoluto, & bárbaro quando banqueteão) ou *Wainca* (“que he canto supersticioso”), convocavam os feiticeiros para “assoprar e bufar sobre os parentes doentes”, faziam adivinhações e jogavam cinza em volta da cama dos doentes para afugentar o diabo (NANTES, 1709, p. 129). Para o capuchinho, os índios eram ludibriados pelos “feiticeiros” que serviam ao demônio, faziam cobranças por suas curas e por isso não eram confiáveis, razão pela qual deveriam ser combatidos:

E que vos parece destes feiticeiros enganadores, que andão às escondidas do Padre pela casas, curando enfermos com os seus assopros sobre o doente, & outras diabólicas mezinhas? Elles também hão de apparecer às claras com roupa, & vestidos que tirão dos pobres doentes por paga da cura, enganando-os, & às vezes violentando os, dizendo lhes, que se não lhes derem o seu machado, cavador ou facão, infalivelmente morterão. Esses feiticeiros com toda essa fazenda nas mãos hão de apparecer no Juizo; & esses crucis matadores dos seus próprios parentes escaparão por ventura? Bem mal, sahirão elles com os corpos dos que matarão às costas, sem poderem desencarregar-se delles (NANTES, 1896, 294).

Os índios, segundo ele, deveriam privar da companhia somente de honestos homens de Deus (NANTES, 1896, p. 113), e todos os que praticassem os ensinamentos não adoeceriam ou seriam curados pelo misterioso poder de Deus e Divina Misericórdia. Assim, cabia aos missionários ensinar os índios que os prazeres da carne não proporcionavam a felicidade e que a saúde plena, perpétua e inalterável só seria experimentada após a morte:

Cá morremos, lá não ha morte, nem temor della; cá há velhice, & caducidade, lá não ha de haver velho, nem velha, todos estaremos em dia de florente: cá os divertimentos do dia acabão com a noite, que lhe succede, lá durará o feroso dia por toda a eternidade bemaventurada sem noite; cá o frio do Inverno nos enregela, & o calor no Estio nos queima, lá a temperada constituição de huma florida Primavera nos recreará para sempre, cá a obrigação do trabalho, & aspereza dos caminhos nos molesta com o temor das cobras & dos Tapuyas bravos; lá passearemos sem medo, & cansaço pelos

aprazíveis jardins do Paraíso de Deos (NANTES, 1896, p. 113).

Aos que descumpriam os princípios cristãos, como os feiticeiros e as mulheres desonestas, estavam reservadas as punições no dia do Juízo Final, momento em que seriam expostos e, segundo frei Bernardo de Nantes, queimariam no fogo, com o arrependimento de seus pecados:

não soube elle respeitar, nem temer a Deos, nem guardar os seus mandamentos; esta feya marca, que tem na testa, mostra q debaixo de galas cheirosas, trazia sua alma podre de peccados, & torpezas: olhai para estoutro, antigamente parecia bom Catholico, & no cabo era hum hypocrita, assim o mostra o final que leva, porque na Igreja se fazia entre os outros devotos, & depois hia fazer suas superstições com os pagãos no mato. Olhai para estoutra, antigamente era respeitada por sua fermosura, & agora está feita abominável adúltera de Satanàs por suas deshonestidades, leva na testa a marca delas (NANTES, 1709, p. 290).

Nantes atrela uma característica física associada à prática pecaminosa, como se fosse possível as ações do índio se materializar no corpo. Nesse relato o pecado vem pelo que ele defini como prática hipócrita, de se apresentar como devoto na frente dos padres e continuar a participar das celebrações dos índios. Dessa forma, havia uma somatização de ações indevidas, aos olhos do capuchinho, a mentira, o fato de conhecer as proibições e continuar praticando.

Quanto he das mãs molheres, das moças, deshonestas, oh que vergonha terão ellas então, quando apparecerem com seus ayòs nas costas, cheyos dos pagamentos de suas lascívias! Lá verão todos as postas de carne que receberão do negro, & velórios que lhes deu o branco, cõ estes sinaes, & preços de suas desenvolturas hão de sair adornadas diante de seus pays, parentes, & de todos (NANTES, 1709, p. 296).

Também Bernardo de Nantes descreve as formas de enterramento adotadas por este grupo indígena:⁴

⁴ Nos idos dos anos 2000, no atual município de Tomar do Geru, no estado de Sergipe, durante reforma realizada em uma escola pública no local em que se encontrava a aldeia do Geru no século XVII foram encontradas urnas funerárias, localizadas a uma distância de aproximadamente 500 metros da igreja.

Antigamente, eles enterravam seus mortos sem outras cerimônias, como faziam com uma carniça qualquer; apenas os colocavam em grandes potes de barro, que eu mesmo encontrei em quantidade, há pouco tempo, na beira deste rio, quando uma enchente derrubara os barrancos e desenterrara os cadáveres que estavam nos potes. Frequentemente os enterravam antes mesmo da morte, sobretudo quando muito velhos e com pouca esperança de vida, o que me faz pensar que eles sentiam pouco a morte das pessoas idosas, apesar de chorar muito a morte de seus parentes (NANTES, 2003, p.)

Mamiani não descreve os rituais funerários dos Kiriri. Para termos acesso a eles, recorremos à carta do padre Jacques Cockle, de 20 de novembro de 1673. Nela, Cockle descreve o seguinte costume desses índios: quando a mulher falecia, o marido deveria ir para o mato, cortar o cabelo e depois retornar; e, quando este voltava para a aldeia, os outros indígenas fugiam para evitar que algum ente próximo viesse a também falecer.

antigamente ficavam longe da igreja e costumavam enterrar os cadáveres de seus parentes perto da aldeia. Contudo neste mês, como eu dizia que não se devia enterrar uma falecida em terra consagrada, porque no tempo da doença estava candida no mato e não tinha purificado a alma com a sagrada confissão, eles me convenceram com grandes preces a dar para ela alguma cova na igreja. Nesta ocasião, acrescento que mais ou menos no mesmo período, houve o retorno do marido da morta, que também tinha ficado escondido no mato. Enfim, logo que cresceu o boato da chegada do viúvo, uma velha, tia paterna dele na viúva também, arranjou um canto da casa onde fazer a lamentação a respeito dele; na verdade todos os outros habitant naquele mesmo momento imediatamente se refugiaram nos espinhais próximos. Perguntando o que fosse aquilo, não achei nem um menino que respondesse. Encontrei no caminho o viúvo que chegava de longe com a cabeça coberta com uma manta de pano. Entrei em seguida na casa daquela velha, onde tinham chegado também outras viúvas, e fiquei sabendo que os outros tinham fugido pelo horror da morte, porque junto com o marido da morta, além do mais, mais novo do que ela, chegara também o espírito matador dela, e se todos não saíssem do lugar e se escondessem, da mesma maneira eles seriam privados do cônjuge antes da velhice. Acomodando-

me ao erro, durante dois dias reguei aquela casa com a água benta, como para afugentar o espírito, e indo continuamente visitar os escondidos, em voz alta os chamei e os reconduzi em suas casas, de onde já o mau espírito tinha saído. Na noite seguinte, ainda amedrontados, fortificaram suas casas espanhando cinzas do lado de fora, como se fosse um muro; e disso se julga o quanto esta gente é crédula e dada às suas cerimônias (COCKLE, 1673, p. 33).

As cinzas, como se pode observar, eram utilizadas pelos Kiriri como amuleto, constituindo o limite entre o mundo e o *eu coletivo*, sendo empregadas para afugentar a morte ou as doenças. Nessa carta, encontramos também uma das possíveis justificativas para as fugas dos Kiriri das aldeias, uma vez que tinham o costume de vivenciar o luto longe dos seus e o mais próximo possível da natureza. Situação semelhante nos é relatada pelo padre Manoel Correia, ao se referir às práticas dos índios Moritize, que também habitavam os sertões da Bahia e também viviam tutelados pelos jesuítas. Na carta, as práticas rituais funerárias são descritas em função de epidemia de varíola que se abateu sobre a aldeia⁵

Metiam os cadáveres dos seus mortos dentro de um pote e o enterravam, para que depois, não tendo quem lho desse, não sentissem a falta da vasilha para cozinhar a comida. Era seu costume quando morria algum na Aldeia, espalharem cinza à roda das casas para que o gênio mau não levasse da casa do que morreu para as outras, a febre ou outra doença, e que eles cuidavam o impedia a cinza. Também quando morria a mulher de algum, o viúvo corria logo para o mato, e cortava o cabelo no cimo da cabeça e aí ficava algum tempo escondido. Quando voltava à Aldeia era a vez de fugirem todos dele e de se esconderem no mato. Estavam persuadidos que o primeiro que se achasse com o triste homem, contrairia a doença mortal, e não duraria muito. (...) Fugiram das doenças e da morte como animais selvagens (...). No tempo da varíola, que é a peste dos índios, retiravam-se no mato mais longinquo, e cuidavam com grande cura do caminho em volta, mantendo um percurso em espiral e apagando os rastros da passage, para que a morte não reconhecesse suas pegadas ou a febre não os agredisse nas tocas (*Annuae Litterae ex Brasiliis 1693*. ARSI, Bras. 9, f. 383v.).

⁵ Também deste mesmo período, temos o relato do frei Martinho de Nantes sobre uma epidemia de varíola que atingiu uma aldeia de índios que viviam nas proximidades do Rio São Francisco.

Também Bernardo de Nantes descreve as formas de enterramento adotadas por este grupo indígena:⁶

Antigamente, eles enterravam seus mortos sem outras cerimônias, como fariam com uma carniça qualquer; apenas os colocavam em grandes potes de barro, que eu mesmo encontrei em quantidade, ha pouco tempo, na beira deste rio, quando uma enchente derrubara os barrancos e desenterrara os cadáveres que estavam nos potes. Frequentemente os enterravam antes mesmo da morte, sobretudo quando muito velhos e com pouca esperança de vida, o que me faz pensar que eles sentiam pouco a morte das pessoas idosas, apesar de chorar muito a morte de seus parentes (NANTES, 2003, p.)

Cabe ressaltar que estas passagens, mais do que seu conteúdo etnográfico, nos revelam também as percepções dos missionários sobre as denominadas práticas de “gentilidade”, e que, de acordo com o que estava estabelecido no Concílio de Lima e ratificado no “Itinerario para Parochos de Indios”, eles tinham a obrigação de reportar os casos aos Superiores e castigar os índios por tais práticas.

Los Indios que hazen superticones, y ceremonias, y ritos diabólicos, mayormente para tomar agüero de los negocios que comiençan, y hazen ceremonias en los entierros de sus defuntos, si se hallaren permanecen en los ritos de su Gentilidad (PENA MONTENEGRO, 1678, p. 284).

“Enterrar os mortos” e “rogar a Deus pelos vivos, & defuntos”, são obras da Misericórdia, como exposto por Mamiani, sendo que a primeira está relacionada com as obras do corpo, e a segunda, com as obras do espírito (MAMIANI, 1698, p. 17-18). Para o gentio, o jesuíta ensina que, após a morte, o corpo fica enterrado na sepultura, mas a alma, eterna, poderia ir a três lugares, dependendo das ações praticadas em vida. Os bons teriam lugar no céu e viveriam felizes com Deus; (MAMIANI, 1698, p. 81). Os que não tivessem vivido inteiramente segundo a vontade de Deus iriam para o purgatório, localizado logo acima do inferno (MAMIANI, 1698, p. 111). Por fim, os pecadores iriam para o inferno (MAMIANI, 1698, p. 70), “(...) os máos hirão ao inferno em corpo, & alma, para padecerem hum, & outra tormentos eternos em companhia do diabo”

⁶ Nos idos dos anos 2000, no atual município de Tomar do Geru, no estado de Sergipe, durante reforma realizada em uma escola pública no local em que se encontrava a aldeia do Geru no século XVII foram encontradas urnas funerárias, localizadas a uma distância de aproximadamente 500 metros da igreja.

(MAMIANI, 1698, p. 160). Mamiani ainda reitera que seguir os “costumes dos vossos avós” só iria levá-los ao inferno (MAMIANI, 1698, p. 157).

4. Últimas considerações

A constante preocupação com a firme conversão dos indígenas fez com que o diabo fosse tema recorrente nos escritos de Mamiani e Nantes, sendo sempre a figura que se opunha e comprometia o bem, estando associado às antigas práticas dos Kiriri. O inferno era descrito como uma grande fogueira, para a qual todos os não-cristãos ou aqueles que não seguiam as normas determinadas pelos padres seriam enviados, e como castigo teriam seu corpo queimado por toda a eternidade. Para assegurar a salvação o índio deveria se afastar das práticas comuns a comunidade, as quais são elencadas nos escritos, ser batizado, e por meio da constante vigilância poderiam se livrar do diabo e como consequência do inferno.

Uma última chance era concedida no intuito da salvação da alma, a extrema-unção. Os religiosos seguem as normativas e explicam como o sacramento deveria ser administrado por um pároco nas aldeias. Mamiani apresenta em seus escrito uma outra consideração, ao identificar os problemas na administração desse sacramento por parte dos seculares nos sertões da América portuguesa. Quando o jesuíta reitera a importância da água e das palavras para que o moribundo possa efetivamente alcançar o perdão divino e a possível salvação.

Por fim, foi possível apresentar como as práticas funerárias dos Kiriri foram registradas por esses homens-memória. O estranhamento e o combate aos costumes do outro, permitem conhecer um pouco, da leitura feita por esses religiosos das práticas indígenas. A constante preocupação em combater as práticas tradicionais, os assim denominados “abomináveis costumes” (a idolatria e a feitiçaria), tornou-se a tônica dos escritos voltados para a conversão, refletindo uma inquietação sobre a vida e com a morte.

Referências

- Annuae Litterae ex Brasíliis 1693*. ARSI, Bras. 9, f. 383v.
- ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Trad. Hélio Vega. São Paulo: Ediouro, 2001.
- _____. *O homem diante da morte*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- BARROS, Maria Cândida Drumond Mendes. A relação entre manuscritos e impressos em tupi como forma de estudo da política linguística jesuítica no século XVIII na Amazônia. *Revista Letras*. N. 61. Curitiba: Editora UFPR, 2003.
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário portuguez & latino*: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8v.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII. Coleção tempos. Tradução Mary del Priore. Brasília: Editora da UnB, 1994.

- COCKLE, Jacques. *Carta ao P. Geral Oliva*, 20 de novembro de 1673. ARSI, Bras. 26, f.33.
- DAHER, Andrea. *A oralidade perdida*. Ensaios de história das práticas letradas, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- DELUMEAU, Jean. *A confissão e o perdão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- HARTOG, François. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- KOK, Glória. *Os vivos e mortos na América portuguesa*. Da antropofagia à água do batismo. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- MAMIANI, Luiz Vincêncio. *Catecismo da Doutrina Christãa na Lingua Brasilica da Nação Kiriri*. Lisboa: Deslandes, 1698.
- MECENAS-SANTOS, Ane Luíse Silva. *Trato da eterna tormenta: a conversão nos sertões de dentro e os escritos de Luigi Vicenzo Mamiani della Rovere sobre os Kiriri (1666-1699)*. São Leopoldo. 273 f. Tese (Doutorado em História). Unisinos, 2017.
- MECENAS-SANTOS, Ane Luíse Silva. *Conquistas da fé na gentildade brasílica: a catequese jesuítica na aldeia do Geru (1683-1758)*. Aracaju: Edise, 2016.
- NANTES, Bernardo de. *Catecismo da Lingua Kariris, acrescentado de várias praticas doutrinaes e Moraes, adaptadas ao gentio e capacidade dos Indios do Brasil*. Edição fac-similar. Leipzig, 1709.
- NANTES, Bernard de. Relation de la Mission des Indiens Kariris di Brezil situés sur le Grand Fleuve de S. François du costé du Sud a 7 degrés de la ligne equinotiale. Le 12 septembre 1702, pour F. Bernard de Nantes, capucin predicateur missionnaire appliqué. Apud POMPA, Cristina. Cartas do Sertão. Catequese entre os Kariri no século XVII. In: Revista Antropológicas, ano 7, vol 14 (1 e 2), 2003, p.
- NANTES, Martinho. *Relação de uma missão no Rio São Francisco*. Brasileira. Volume 368. Tradução e comentários de Barbosa Lima Sobrinho. 2 ed. São Paulo: Editora Nacional, [1706] 1979.
- PEÑA MONTENEGRO, Alonso de la. *Itinerario para Párrocos de Indios*. 2a. edição. En Leon de Francia: A costa de Joan-Ant. Huguenta y Compañia, 1678.
- POMPA, Cristina. Por uma antropologia histórica das missões. In: MONTERO, Paula. *Deus na aldeia*. Missionários, índios e mediação cultural. São Paulo, Editora Globo, 2006,
- RAMINELLI, Ronald. *Viagens Ultramarinas*. Monarcas, vassalos e governo à distância. São Paulo: Alameda, 2008.